

188, Acunzi Cabrita, Desobediência (palestina), 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000.

DORRIT HARAZIM

Uma opinião pública sobre a política internacional em Israel

Haia existe

Ninguém gosta de ser submetido a julgamento. Falsos, também não. E o Estado de Israel, comandado por Benjamin Netanyahu, menos ainda. Mesmo que consiga convencer a Corte Internacional de Justiça (CIJ) a arquivar a acusação de genocídio apresentada pela África do Sul, ou mesmo que consiga evitar a petição por medidas provisórias urgentes, como a interrupção dos ataques a Gaza, Netanyahu jamais conseguirá apagar o dano moral, político, diplomático e histórico sofrido em Haia. A sentença final a ser decidida pelos 15 juízes da Corte pode demorar dias, semanas, meses, até anos, mas a mera questão central — Israel cometeu genocídio? — é devastadora em si.

Religião ao papel de cemitério do Direito Internacional, a Palestina como um todo, e Gaza em especial, pouco espera da justiça dos homens. Só que a petição apresentada pela África do Sul pode ter desdobramentos inesperados. Como previsto, foi desconsiderada como frivolidade pelo secretário de Estado americano, Antony Blinken. Mas não por Netanyahu, que optou por apresentar sua defesa perante a Corte. Não é de hoje que lideranças israelenses se preocupam com uma eventual percepção mundial de que a repressão sofrida pela Palestina ocupada é uma forma de apartheid. O espectro de isolamento internacional semelhante ao imposto ao regime de minoria branca na África do Sul — que culminou na extinção do apartheid nos anos 1990 — sempre existiu. E *pour cause*.

Desde as décadas da descolonização, dos movimentos de libertação, dos Não Alinhados e da Tricontinental, o partido de Nelson Mandela e a militância palestina andaram lado a lado.

Nossa liberdade é incompleta sem a libertação dos palestinos — lembrou o líder negro em 1997.

Tinham em comum a revolta contra opressores que se ajudavam mutuamente. O jornalista Tony Karon, nascido na África do Sul, sionista na juventude e atual produtor na Al Jazeera, lembra seus tempos de militância anti-apartheid na Cidade do Cabo. Em artigo recente, escreveu: "Muitos dos nossos ficaram horrorizados quando, em 1976, Israel recebeu a visita oficial do primeiro-

ministro sul-africano John Vorster, nazista convicto que trabalhava numa organização paramilitar ligada à Abwehr [serviço de inteligência militar de Hitler]". A venda de armas de Israel para a África do Sul era segredo de polichinelos, assim como a assistência israelense à Força de Defesa do regime bôer.

A descolonização, como se sabe, não seguiu propriamente o roteiro sonhado pelo intelectual martinicano Aimé Césaire — restituir humanidade tanto ao colonizado como ao colonizador, numa mesma comunidade de pertencimento. Fracassos se acumularam, e correções de curso continuaram a coabitar a caminhada com desgraças. Contudo a cartada da África do Sul, ao cobrar da Corte de Haia um posicionamento, tem o mérito de conseguir nos envergonhar pela complicitude mundial diante de décadas de desarmamento e opressão de um povo. Silenciadas, gerações e gerações de palestinos tiveram existência apagada, nulificada. Gaza é apenas a aberração mais gritante.

Para Netanyahu, a semana foi indigesta também no front interno. O conservador Yediot Ahronoth, maior jornal do país, divulgou uma notícia sombria: "Ao meio-dia do 7 de Outubro, as Forças de Defesa de Israel (FDI) ordenaram a todas as unidades de

Netanyahu jamais conseguiu apagar o dano moral, político, diplomático e histórico sofrido internacional



Netanyahu

combate em ação usar a Diretiva Hannibal, sem menção explícita ao nome. A ordem era parar 'a qualquer custo' toda tentativa de retorno a Gaza dos terroristas da Hamas, apesar do temor de que levavam consigo reféns. (...) Estima-se em cerca de mil os terroristas e infiltrados mortos entre o assentamento de Olaf e a Faixa de Gaza. Não está claro quantos reféns foram mortos em decorrência dessa ordem". Perto de 70 veículos foram encontrados na mesma área, atingidos por um helicóptero de combate ou mísseis antitanque da FDI.

"Diretiva Hannibal" é o nome dado a um procedimento militar oficialmente abandonado pelas FDI em 2016. Visava a impedir a captura de soldados israelenses por tropas inimigas. Sua versão mais genérica ensinava: "A tomada de reféns precisa ser impedida por todos os meios, mesmo ao preço de alvejarmos e causarmos danos a nossas próprias forças". Sujetas, portanto, a interpretação e aplicação elásticas. No mês passado, o diário liberal Haaretz já havia aventado a hipótese de a Diretiva Hannibal ter sido usada no fatídico 7 de Outubro, quando 40 terroristas da Hamas foram alvejados por dois disparos de canhão numa casa em Be'er, assentamento israelense. Havia 14 reféns civis na casa. Apenas uma saiu com vida do horror. Hadas Dagan, cujo marido foi uma das vítimas, não culpa as equipes de socorro israelenses: — Eles também deram a vida por nós.

Hoje é o centésimo dia de cativo para mais de 130 reféns feitos em mãos da Hamas. Quanta tragédia entrelaçada!

* ARTIGO

Uma norma culta inculta

FERNANDO PESTANA



Recentemente foi lançada uma gramática, elaborada por linguistas, ensinando que já faz parte da norma culta escrever "O time traziam a experiência do campeonato passado" (em vez de "O time trazia..."). "Fizeram nós resolvemos a questão" (em vez de "Fizemos nós resolvemos..."). "Os chamaram para o evento" (em vez de "Chamaram-lhe..."). "Eles ainda moram aonde nasceram" (em vez de "Eles ainda moram onde..."). etc.

Imagine quem faz Enem escrevendo assim numa redação. Imagine um redator de jornal escrevendo assim numa notícia. Imagine um graduando escrevendo assim num TCC. Imagine um advogado escrevendo assim numa petição.

Não sei onde 84% da população adulta não comprou nenhum livro em 2023 e cujo índice de analfabetismo funcional entre universitários é de cerca de 40%, imagine a geração de pessoas "cultas" que estão sendo formadas no Brasil.

"Mas o que é uma pessoa verdadeiramente culta?"

Se essa pergunta for feita a milhões de brasileiros, possivelmente a resposta será algo como "Ah, é uma pessoa inteligente, bem instruída, que lê muitos livros, tem muito conhecimento...". — ou, polindo a resposta do povo, uma pessoa culta é aquela com elevação de letramento, conhecimento multicultural, com forte impacto sociocultural gerado por sua intelectualidade.

Todavia, se a mesma pergunta for feita a alguns influentes linguistas brasileiros atuais — não deixe a xícara de café cair da sua mão! —, dirão tratar-se de alguém a carregar consigo um pacotinho de "diploma de nível superior" e "vivência urbana", por mais que essa pessoa só tenha uns 23 anos de idade. (E não é piada.)

Certo, o conceito de cultura é bastante amplo, saindo do chão de Manoel de Barros ao transcendental de Augusto dos Anjos, dos costumes e hábitos de toda a gente, de todos os níveis sociais e geográficos. E

é aí que reside o afortuna de Saramago quanto aos diferentes usos da língua: "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português".

Existe, porém, no senso comum a intuitiva consciência de "níveis de língua", dentre os quais um se destaca entre os demais, sendo esta norma linguística anelada, notada como virtuosa, prestigiada socioculturalmente, não porque deriva de gente da elite burguesa e blá-blá-blá, mas porque reflete um preceito prático elevado de cultura — característica própria de pessoas que cultivam o conhecimento e exploram todas as potencialidades da língua em prol da experiência humana.

Então, é assim: se não existe língua sem pessoa, e pessoas cultas "artesanam" a língua a um estado de elevação, é justamente daí que surge a "língua culta", ou seja, a norma culta da língua é o fruto do uso elevado que pessoas de alto nível cultural fazem dela.

E se eu dissesse a você que o que vem se tornando a "língua culta" não necessariamente é reflexo de linguagem formalmente cuidada, tampouco de conteúdo universal e atemporal — como sempre foi a linguagem literária —, e sim de linguagem técnica, acadêmica, jornalística (e não me refiro aqui aos grandes jornalistas, que são escritores, por essência e potência)?

Pois é... Há décadas no âmbito da Linguística, aquilo que sempre nos foi objeto de respeito e aspiração, a verdadeira norma culta, empregada pelos grandes escritores do idioma, está sendo substituída por uma linguagem burocrática e/ou fugaz — uma norma culta inculta.

Fernando Pestana, mestre em linguística, é professor de português

Não R. Bernardo Melo Franco voltará a escrever no dia 24 de janeiro

* ARTIGO

TSE precisa banir IA da campanha de 2024

DORA KAUFMAN



Em 2024, estão previstas eleições em mais de 60 países, envolvendo quase 50% da população adulta mundial e incluindo a escolha do presidente dos Estados Unidos, dos integrantes do Parlamento Europeu e dos prefeitos e vereadores no Brasil. Nos Estados Unidos, como noticiado pelo New York Times em março de 2023, os engenheiros republicanos e democratas estão empenhados em usar a inteligência artificial (IA) para aprimorar técnicas de *misinformation*, gerar mensagens personalizadas e aumentar o impacto da publicidade. O temor dominante é o dano potencial da desinformação à democracia, particularmente com as *deepfakes* (máscara de deep learning e fake, técnica que sintetiza imagens ou sons humanos com IA).

O ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), tem manifestado sua preocupação com o uso de inteligência artificial nas eleições de 2024:

— A sanção deve ser drástica. Quem se utilizar de inteligência artificial para manipular a vontade do eleitor para ganhar as eleições, se descoberto for, é cassação do registro, e, se for eleito, é cassação do mandato — alerta o ministro.

Em dezembro, ele se reuniu com represen-

tantes da Meta solicitando o monitoramento e a explicitação de conteúdos manipulados por IA em suas redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp e Thread).

Em 4 de janeiro, o TSE colocou em audiência pública uma minuta de resolução assinada pela ministra Cármen Lúcia, que encerrará a presidência do tribunal a partir do meio de 2024, com o objetivo de punir o uso fraudulento da IA, estabelecendo que as campanhas deverão explicitar a adoção da tecnologia na propaganda eleitoral. O escopo da resolução define a fabricação ou a manipulação de conteúdo político-eleitoral

como "a criação ou a edição de conteúdo sintético que ultrapasse ajustes destinados à melhoria da qualidade da imagem ou som".

A eficácia dessas medidas, contudo, é limitada, como atesta o próprio Alexandre de Moraes:

— Depois que as notícias fraudulentas são produzidas, por mais que você combata, é impossível conseguir anular 100% os malefícios. Até você comprovar que isso não é verdade, imagine o estrago que faz na escolha do eleitor.

Ele complementa ponderando que nem todos terão acesso ao desmentido ou acreditado nele. Na recente eleição argentina, ambas as campanhas usaram IA para produzir conteúdo autológico e destratar o

opponente. Os rótulos de "conteúdo sintético" nas peças publicitárias foram pouco eficazes, gerando confusão entre os eleitores em relação ao que era verdadeiro ou falso.

Imaginemos que um candidato a prefeito usou IA para produzir uma peça publicitária sintética contra seu oponente. Coerente com o teor da minuta de resolução TSE, a campanha desse candidato deveria explicitar o uso de IA. Cenário 1: o candidato, cumprindo as regras eleitorais, explicitou o uso de IA — a peça fake circulou nas redes sociais, como reconhece o ministro Alexandre de Moraes, causando estrago na escolha dos eleitores (parte significativa deles não compreende o que se trata de "produzido por IA" ou rótulos semelhantes). Cenário 2: o candidato não explicitou o uso de IA — o TSE identificou o problema ou a campanha adversária denunciou ao TSE. Em ambos os casos, leva tempo até a proibição, o suficiente para causar dano. Vale lembrar que as eleições de 2024 envolvem a escolha de prefeitos e vereadores em 5.568 municípios brasileiros.

A única maneira de se aguardar o processo eleitoral de 2024 — garantindo a integridade do sistema e protegendo a democracia — é proibir explicitamente o uso de IA na propaganda eleitoral e bani-la da criação das peças publicitárias de campanha, sejam elas no formato de texto, imagem ou voz.

Dora Kaufman, professora na PUC-SP e colunista da Época Negócios, é autora do livro "Desmistificando a inteligência artificial"